

APRENDER COM O OLHAR DA CRIANÇA

Para avançarmos em termos da concretização de uma Educação Democrática, Integral e Humanizadora é fundamental prestarmos muita atenção ao olhar da criança, seja o olhar em direção ao outro, seja em direção ao mundo:

□ O olhar para o Outro

● **Confiança:** olhar que revela certeza de que é amada, é desejada, é bem-vinda a este mundo, ao ambiente em que se encontra no momento. Intui que “há um projeto” para ela, que alguém “a sonha”.

● **Profundidade:** a criança olha no fundo dos olhos, encara direta e longamente o adulto. Nós, adultos, muitas vezes temos dificuldade de olhar no olho de nosso interlocutor; olhamos um pouco e já desviamos o olhar. Sabemos que, em certas culturas, alguém de determinada casta nem pode olhar para os olhos de uma pessoa de uma casta superior, pois, como se diz, de fato, “o olhar revela a alma”. Há um documentário da BBC (British Broadcasting Corporation) que mostra uma criança pequena, no colo de sua mãe e a pesquisadora falando com ela olhando bem nos olhos, como a criança sempre demanda; a partir de certo momento, a pesquisadora continua falando só que sem olhar para a criança. É incrível como a criança se movimenta no sentido de buscar o olhar da pesquisadora. Precisamos do olhar do outro para nos constituir humanamente. Podemos lembrar aqui a clássica questão da dialética do reconhecimento a que Hegel se referia na Fenomenologia do Espírito, embora em outro contexto, Hegel já advertisse que esta é uma luta de vida e de morte...

● **Expectativa de Desafio:** o olhar da criança em relação ao adulto contém sempre uma dose de desafio, como se dissesse: “E aí, o que você vai me propor hoje? Que parte do mundo você vai me ajudar a descobrir? O que você vai propor para que eu cresça e me desenvolva?”

●**Expectativa de Validação/Reconhecimento:** a criança também espera do adulto um olhar, alguma manifestação que revele que está aprovando e achando interessante aquilo que ela está fazendo. Ela pode estar entretida em sua atividade, lá num canto, mas de vez em quando dá uma olhadinha para o adulto, aguardando a validação de sua ação. Este processo pode, inclusive, levar a criança, em alguns momentos, a começar a se dedicar ainda mais ao que está fazendo, criando um círculo virtuoso de interação, em que ela dá o melhor de si.

□ O olhar para o Mundo

●**Exploração:** o tempo todo a criança está “com os radares ligados”, prestando atenção a tudo que acontece ao seu redor; é extremamente curiosa.

●**Autonomia: a criança sempre** busca a autonomia na atividade: se já conseguiu fazer algo sozinha (ou se assim pensa...), não quer mais a ajuda do adulto e quer fazer por conta própria (“Eu sei!”).

●**Transcendência:** busca se superar, quer fazer algo ainda mais difícil ou complexo do que já conseguiu fazer e não se satisfaz com o que julga já ter dominado.

●**Produção de sentido:** neste processo de exploração do mundo, a atitude da criança é, o tempo todo, a de tentar entender o que se passa, atribuindo algum sentido às coisas e fatos com os quais está em contato.

Estamos nos referindo sempre à situação em que a criança está minimamente bem fisicamente (não está doente, com fome ou com sono), qual seja, que é cuidada, amada, desejada, estimulada, bem como à criança que não foi domesticada, enquadrada, imbecilizada, abusada, explorada, sufocada, ao ponto de perder sua espontaneidade.

Para ilustrar sobre este último aspecto, relatamos o que aconteceu numa atividade, na educação infantil, em que os pais também participavam: a professora, querendo se aproximar mais de

uma criança (que apresentava algumas dificuldades em sala), pergunta a ela sobre qual o brinquedo que mais gostava. A criança volta-se para a mãe e indaga: “Qual é, mãe?” Provavelmente, das duas, uma: ou a criança não se sente autorizada a falar sobre sua preferência, o que é grave, ou, de fato, não sabe qual sua preferência, o que é gravíssimo, visto que estamos falando de brinquedo, que é algo com o qual a criança costuma ter uma relação de proximidade e apreço.

Pode a Criança nos Ensinar Algo?

Se a escola é o local por excelência onde as gerações se encontram para partilhar saberes (dimensão intergeracional da educação escolar), haveria algum saber a ser ensinado pelas novas gerações? Poderíamos nos referir aos saberes que adquirem pelo acesso a outras fontes de informações (enquanto o professor está sobrecarregado dando aulas), sobretudo, hoje, com o acesso à rede mundial de computadores, a internet. O aluno pode ensinar ao professor seu conhecimento prévio, sua forma de ver o mundo, suas questões, pois de acordo com Buber (“Histórias do Rabi”, p. 25, *apud* BUBER, 1979, p. XXXIX): “O mestre inflama as almas dos discípulos; e eles o rodeiam e iluminam. O discípulo pergunta e, pela forma de sua pergunta, evoca, sem o saber, uma resposta no espírito do mestre, a qual não teria nascido sem essa pergunta.”

Mas queremos ir ao ponto fulcral: a grande aprendizagem que nós, professores, podemos fazer com as novas gerações é a **capacidade de perguntar pelo sentido das coisas.**

Esta afirmação, de caráter antropológico e epistemológico, talvez ajude a explicar a inveja, a raiva, ou até mesmo o ódio que alguns adultos têm em relação à criança: trata-se de uma característica da criança de buscar constantemente o sentido das coisas (enquanto não foi ainda deformada pelo sistema de relações com adultos que não conseguem preservar sua criança interior, ou com outras crianças que já foram sufocadas por estas relações). É

impressionante ver como a criança “trabalha” no intuito de atribuir sentido às coisas com as quais vai se deparando no seu cotidiano.

Situações de conflito dos adultos com as crianças são relativamente comuns. O conflito com as crianças pode vir, de um lado, de aspectos mal resolvidos na infância do adulto que com elas se relaciona (Freud explica!). De outro, pode advir justamente do fato de termos anestesiado esta capacidade humana essencial, produtora mesmo da humanidade e, se pensarmos em termos filogenéticos, de constituição da espécie *Homo sapiens sapiens*, que é busca de sentido.

A criança é muito séria e dedica-se profundamente à investigação do seu objeto (parece um cientista trabalhando) e, portanto, a sua atenção é focada. É certo que busca, simultaneamente, a validação, o reconhecimento do adulto, todavia está ali, inteira em sua atividade.

Na vida humana concreta e, em especial, na escola (particularmente nos anos iniciais do ensino fundamental) nos acostumamos a fazer coisas que não têm sentido e depois, quando nos tornamos professores, desejamos impor essa mesma lógica às novas gerações (e forçá-la a “entrar no esquema” da escola – *Imprinting Escolar Instrucionista*).

A criança, pelo contrário, desde muito cedo, faz todo um esforço para atribuir sentido ao mundo, ao que vivencia, e, mais do que isto, luta contra o “enquadramento”, busca viver num mundo que faça sentido, recusando-se, dentro de seus limites e potência, a aceitar o que lhe parece desprovido de sentido!

Ora, um adulto devidamente “integrado”, que foi vendido ou se vendeu ao sistema, que faz coisas porque “tem que fazer”, como na perspectiva de Arendt (1999) sobre a banalidade do mal, não vê a hora de terminar o trabalho e que foge dele como da peste (Marx), como não vai se sentir profundamente incomodado com um serzinho que na sua pureza, determinação e sinceridade pede e exige, um sentido para as coisas?

Neste tenso contexto podemos compreender as duras palavras de Gilles Deleuze (Foucault, 1981, p. 72): “se as crianças conseguissem que seus protestos, ou simplesmente suas questões, fossem ouvidos em uma escola maternal, isso seria o bastante para explodir o conjunto do sistema de ensino.” Não estamos sugerindo que os adultos assumam uma postura espontaneísta, de licenciosidade, de fazer “todas as vontades” da criança. Não! Ao contrário, trata-se de levar a criança a sério, respeitar sua sensibilidade, sua linguagem, seu modo de operar cognitivamente (alguns elementos de epistemologia e de neurociências podem ajudar nesta tarefa) e, portanto, sua inteligência e capacidade de buscar/produzir sentido!

Um adulto que começa a se levar “muito a sério”, no sentido de achar que sua contribuição para o mundo é imprescindível, que é melhor que os outros, que é superior, especial, torna-se um indivíduo arrogante, distante, prepotente, sisudo, autoritário, enfim, intragável. Costuma não ter a menor autocrítica, pois, afinal, “o problema só pode estar no outro, na sua insuportável incompetência ou má vontade” e, se instado a fazer uma autocrítica, é comum este tipo de indivíduo dizer que é “perfeccionista”, qual seja, até na hora de fazer a crítica faz um autoelogio... Pensa que “já chegou lá”, que só tem coisas a ensinar, nada mais a aprender, porque tem experiência. Esta experiência, no entanto, como nos alerta Walter Benjamin (1984), pode ser simplesmente uma espécie de mecanismo protetor, para não tirar ninguém da sua respectiva zona de conforto. Segundo Benjamin (1984, p. 23): A máscara do adulto chama-se “experiência”. Ela é inexpressiva, impenetrável, sempre igual. (...) A experiência se transformou no evangelho do filisteu porque ele jamais levanta os olhos para as coisas grandes e plenas de sentido.”

A criança, ao contrário, está sempre marcada profundamente pelo espanto, assombro, surpresa, contradição, desequilíbrio, pulsão, fome, gosto, paixão, disposição epistemofílica, avidez, sede, carência, consciência da incompletude, tendência, inclinação, vontade,

curiosidade, interesse, querer, desejo, necessidade, motivação e mobilização para a aprendizagem.

No limite, a grande aprendizagem que o infante pode nos ajudar a produzir é na perspectiva de **resgatarmos (ou reconstruirmos) a criança dentro de nós**. Isto implica, por exemplo, nos aspectos da alegria, vivacidade, curiosidade, encantamento, espontaneidade, sinceridade, ingenuidade, confiança, ludicidade, amorosidade, prazer, sentido, ou como nos versos de Brant e Nascimento (1980): *“há um menino/há um moleque/morando sempre no meu coração/toda vez que o adulto fraqueja/ele vem pra me dar a mão.”*

Por fim, reafirmamos o desafio do educador reeducar o seu olhar, a partir do olhar da criança. O que nos distingue, fundamentalmente, não é o fato de sermos professores do campo ou da cidade, da educação básica ou da educação superior, da rede pública ou privada, de sermos profissionais iniciantes ou no final de carreira, e sim a nossa atitude, a nossa postura, enfim, o nosso olhar diante do mundo, da profissão, do conhecimento e, sobretudo, dos educandos!

Referências

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BENJAMIN, Walter. **A Criança, o Brinquedo, a Educação**. São Paulo: Summus, 1984.

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. **Bola de Meia, Bola de Gude. 14 Bis (intérprete)**. EMI Odeon, 1980.

BUBER, Martin. **Eu e Tu**, 2ª ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.

Celso dos Santos Vasconcellos

Diretor do Libertad - Centro de Pesquisa, Formação e Assessoria Pedagógica